

Proletários de Todos os Países: UNÍ-VOS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

IMPORTANTE NOTÍCIA

DOS OPERÁRIOS DA C. U. F. NO BARREIRO!

Os operários da C. U. F. no BARREIRO acabam de obter os primeiros êxitos na sua reivindicação por aumento de salários e promoção de categorias. Quando o administrador Jorge da Mota entrou na secção de fundição, os operários abandonaram o trabalho e lançaram-se à volta dele e re-lamizaram um aumento de salários para fazer face ao custo da vida e a revisão de categorias.

Nas secções de caldearia e de reparações, os operários largaram também o trabalho e apresentaram as suas reivindicações. Ao todo, paralisaram o trabalho cerca de 600 operários.

Em seguida, desta acção houve, dias depois, o aumento de salários de 15% e foram anunciados exames para a promoção de categorias. Os operários acceitaram os 15%, mas não se consideram satisfeitos. No entanto, este aumento não é suficiente para fazer face ao elevado custo da vida. Por isso, há disposição para a continuação da luta por aumento de salários. Não entanto, o primeiro resultado é a primeira vitória e foi devido à unidade e à acção dos operários das secções de metalurgia. Fica mais uma vez provado de que só através da unidade e da acção os trabalhadores conseguem melhorar as suas condições de vida. Este é o caminho que deve ser seguido por todos os trabalhadores!

O REFORÇAMENTO E ALARGAMENTO DA UNIDADE, ANTI-SALARISTA

INTENSIFICAÇÃO DA DESAGREGAÇÃO DO REGIME E APROXIMAÇÃO SEU FIM

O discurso de Salazar, quando da abertura do IV Congresso da «União Nacional», revela bem claramente a falta de perspectivas políticas com que se suble o seu governo e reflecte a crise de desagração que começa a abalar o regime salazarista. Um número cada vez maior de portugueses começa a compreender que Salazar conduz Portugal, quer no plano interno quer no plano externo, para uma situação crítica e sem perspectivas. Por isso mesmo, Salazar é obrigado a reconhecer publicamente que «a época de transformação política do país acabou e não particularmente para nós mas para todos, frente de problemas e de riscos. ISSO, É CERTO, diz ele. APRENDIZES E OBRIGAS, CIDADÃOS, VIGILÂNCIA E ESFORÇOS ESPECIAIS, MAS NÃO TEM FALHAS QUE DEVE CONDUZIR AO DESESTABILIZADO».

Estas «aprendizes e cuidados» (que dominam a reacção nacional e internacional) levaram Salazar a fazer «como o plano da crise» a abordar os grandes e importantes problemas da política nacional e a ficar somente nas considerações gerenciais sobre a situação política internacional. Para evitar que os seus seguidores se desanimem com o «pesimismo» e perca a confiança na sabedoria política do seu guia, Salazar procura incutir-lhes a ideia de que há soluções no plano interno e que ele próprio conduziu a política interna e externa portuguesa.

O próximo número do «Avante!» analisará mais detalhadamente a crise que o regime salazarista atravessa e o significado do IV Congresso da «União Nacional» e do último discurso do Salazar. Desde já queremos salientar que os líderes do IV Congresso da U. N. PROPÕEM A ALTERAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO PARA TENTAR UMA MANEIRA REACCIÓNARIA, que tem em vista limitar o mais possível o voto popular de se exprimir nas futuras eleições. O objectivo desta nova manobra é bem evidente: abafar ainda mais a voz do povo.

Unidade de todos os anti-salaristas!

Por todo lado, hoje mais do que nunca se impõe utilizar para a acção local as pessoas que estão descontentes com o governo da Salazar, no sentido de encontrarem o mais rapidamente possível

uma solução democrática e pacífica para o problema político português. Como se salienta no recente manifesto do C. C. do Partido Comunista Português de 24 de Maio, o Partido Comunista pensa que «A formação em Portugal de um amplo movimento de unidade anti-salarista que, pela largueza do seu próprio programa, possa atrair à acção política as largas massas, mesmo aqueles sectores que até agora apoiaram ou não hostilizaram o governo de Salazar, criará as condições para a solução definitiva do problema político português».

É naturalmente a classe operária, como classe que mais tem sofrido e que mais tem lutado contra o regime salazarista, aquela onde a unidade das suas forças é mais decisiva. As numerosas lutas económicas e políticas travadas pela classe operária portuguesa através de todo o país representam um decisivo passo para a sua unificação política numa base anti-salarista. Será um medida em que todos os operários comunistas, católicos, socialistas, anarquistas e sem-partido se unificam nas empresas, nas oficinas, nos Sindicatos Nacionais, nas ruas e nos bairros, no sentido de armarem um ataque geral em defesa dos seus interesses comuns e contra o regime salazarista, que como complemento à sua unificação nas lutas reivindicatórias, a sua unificação política numa base anti-salarista.

Da mesma forma que a classe operária, os operários agrícolas e todos os camponeses vítimas do regime que Salazar impôs ao país. Por isso, importa igualmente que em todas as herdades, aldeias, Casas do Povo e colectividades se unam todos os camponeses numa poderosa frente de combate, em defesa dos seus interesses de

classe e integrados na vasta frente anti-salarista.

Para impor aos governantes salazaristas uma saída democrática e legal, não basta, porém, a unidade da classe operária e dos camponeses, embora estas classes sejam as mais numerosas e combativas do País, aquelas que mais porões deram de disposição de luta. É preciso que todas as outras camadas da população portuguesa unam também e, em primeiro lugar, os partidos democráticos que as representam politicamente. Só a falta de unidade das forças democráticas e patrióticas do País permite a existência do regime salazarista.

É tendo em conta esta realidade nacional que o Partido Comunista apela mais uma vez à salvação de todos os partidos democráticos, convidando os seus dirigentes a pôr de lado tudo aquilo que nos pode separar neste momento e a procurar, ao mesmo tempo, nos pontos de encontro de encontrarmos uma solução democrática e pacífica para o problema político nacional.

Os próximos actos eleitorais propõem, nam as forças da oposição, uma possibilidade de luta legal contra o regime salazarista, que estas têm de saber aproveitar. Como se salienta no recente manifesto do P. C. P. de Maio, o Partido Comunista, «tendo em conta as atitudes salazaristas na política nacional e internacional», «propõe a participação da oposição anti-salarista nas próximas eleições para deputados, em 1957, e para a Presidência da República e eleições de 1958, e a participação da oposição anti-salarista nas eleições municipais de 1958». A unificação da oposição nacional representa um passo impor-

(continuação na 2.ª pág.)

O COLONIALISMO TEM OS SEUS CONTADOS

No discurso perante o IV Congresso da União Nacional, em 30 de Maio, Salazar dedicou grande espaço aos problemas coloniais e declarou que o continente africano é um «compimento natural da Europa, necessário à sua vida, à sua defesa, à sua subsistência».

Há muito que os africanos e os imperiais americanos mostram esta preocupação «generosa portadora» da civilização. Para os povos das colónias portuguesas, «a «defecção» significa salários de 1950 e 2500, o trabalho e a segregação racial nos transportes, cinemas e lugares públicos, as lomes e as epidemias devastadoras, a ausência de qualquer direito social ou político, isto é, significa a escravidão em pleno século XX. É de preocupado pelo descontentamento que esta situação provoca e pelos perigos que ela representa para os seus povos, que os COLONIALISTAS portugueses e estrangeiros organizam aquilo que chamam «defesa» do África.

Os planos de guerra estendem-se à África

Os salazaristas colaboram activamente com os americanos nos seus planos bálicos sobre a África. Já em 1950 se realizou a Conferência de Nairobi sobre a coordenação dos transportes com fins militares. Em consequência dos planos traçados, construíram-se numerosas estradas e caminhos de ferro que ligam os territórios do interior com os portos do litoral. Em Angola e Moçambique quase todo o plano de «fomento» está preenchido com estas obras.

Ultimamente, têm-se intensificado os preparativos de guerra. Em Agosto de 1955, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Bélgica teve em Lisboa as conversações sobre

as «relações de amizade» na África (O Congo belga confina com Angola). Em Setembro realizaram-se manobras navais luso-belgas na África ocidental. Em Outubro efectuou-se uma conferência militar anglo-luso-franco-belga em Leopoldville, em Novembro veio a Lisboa Lord Malvern, ministro das Rodasias e Niassas para conversações sobre a defesa comum do ministro da Defesa da África do Sul conferenciou com os ministros dos Neg. Estrang. e da Defesa salazaristas. A «defesa comum» é a base para a criação de uma organização militar na África do Sul do Saará. Em Dezembro, o ministro dos Transportes da África do Sul, conferenciou com o ministro da Defesa da Nação, exorta esta organização a intensificar a sua acção em África. Em Março, uma missão militar portuguesa vai à África do Sul para estudar a «defesa» aérea de Angola e Moçambique. Para facilitar estes intensos preparativos de guerra são nomeados para embaixador na África do Sul Abranches Pinto, antigo chefe militar nos Estados Unidos, e ex-embaixador em Angola ao governador de Angola o ex-subsecretário do Exército, Sá Viana Rebelo, a quem Senos Costa disse a 10 de Janeiro: «Graças à tua presença em Angola, a defesa da unidade da primeira autoridade de Angola, os serviços militares naquela província ultramarina atingiram rapidamente uma altura que é toda a outra sobrelota. Sabes V. Ex.ª não bem como eu imporemos as exigências da situação internacional que se chegue depressa ao fim».

O colonialismo tem os dias contados

Mas a intensificação da exploração e dos perigos de guerra em África aumentam ainda mais o descontentamento e a revolta dos povos africanos. As tentativas para reprimir a sua luta é cada vez mais. Quando um povo, mesmo enfraseado pelo imperialismo, consegue lutar pela sua libertação, arrasa todos os obstáculos levantados à sua frente. Basta recordar a epopeia do povo coreano. O colonialismo não tem futuro. O futuro da humanidade depende de Salazar, nem os planos, nem as medidas de guerra, nem a intensificação da repressão e da exploração o poderão salvar.

CONTRA A VIDA CARA!

PELO AUMENTO DOS SALÁRIOS, JORNAS, ORDENADOS E VENCIMENTOS!

Mentem-se a grave situação dos preços «altos e das baixas salários, lomes, ordenados e vencimentos. Quem pode comprar carne a 2050 e 3050, coelho a 10500, peixe espada a 12500, grelos a 4550, cerejas a 7500 e assim por diante?

Pois apesar de a situação ser esta, o ministro da Economia, a 14 de Maio, numa declaração à imprensa, afirmou que «as dificuldades, por mais que sejam profundas e transitorias, encontram-se ultrapassadas» e que «o que nos resta é a carne, peixe fresco, legumes e pão e a situação não tem sido inteiramente satisfatória». Quer dizer: tudo está bem, e mesmo as loucas subidas dos géneros mais indispensáveis pouco importam à U. N.

Pelo visto, o sr. ministro e o seu governo julgam que com discursos e declarações podem convencer o povo de que os preços altos, que vendem cada vez mais, que tudo caminha num mar de rosas! Se o povo português não conhecesse já o estalo dos homens que ocupam o governo, este discurso seria, que vendem cada vez menos e vivem esmagados pelos impostos, são lançados as brigadas dos fiscais, enquanto os grandes fúberos dos grêmios, lutas e federações fazem livremente toda a espécie de negociações rendosas que encarecem a vida.

Na declaração do ministro da Economia, há, no entanto, duas afirmações que não

devemos esquecer: uma é que não subiram os preços do pão, do açúcar e do sabão, o que vale dizer consideravelmente o preço do arroz. Exijamos que estas promessas sejam cumpridas e não foz o sr. ministro como fez com o azeite, guardando em Dezembro que o mercado estava abastecido para em Março nos impingir a mistura com óleo. É preciso começar a responsabilizar o governo pelas suas afirmações e promessas feitas com fins demagógicos.

Perante a grave situação presente, as donas de casa têm-se movimentado activamente em Lisboa e arredores, em Porto e outras localidades. Em Alipicra, por exemplo, as donas de casa elaboraram uma exposição pedindo providências e já receberam 200 assinaturas. Apoiar a luta dos operários, camponeses e empregados seus familiares por aumento de salários, entregando as exposições às autoridades, nomeadamente aos deputados da sua circunscrição, arrancando deles o compromisso de reclamarem na Assembleia Nacional a baixa dos preços e a subida dos salários, jornas, ordenados e vencimentos, é coisa de caso deram uma preciosa contribuição à luta por uma vida mais desfogada.

Frente à atitude da camarinha salazarista que se mostra disposta a não tomar medidas necessárias para resolver a situação, só um caminho se abre aos homens e mulheres das classes trabalhadoras e médias.

INTENSIFICAR EM TODO O PAÍS A LUTA CONTRA A CARESTIA!

INTENSIFICAR EM TODO O PAÍS A LUTA PELA AUMENTO DOS SALÁRIOS, JORNAS E ORDENADOS, DE ACORDO COM O CUSTO DA VIDA, E PELA REDUÇÃO DOS IMPOSTOS AOS PEQUENOS E MÉDIOS!

RADIO MOSCOW

Transmite para Portugal

DAS 22 AS 23, 30 HORAS, EM ONDAS CURTAS DE 19 E 35 METROS E, DAS 23 AS 23, 30, EM 19, 25 E 31 METROS

OS ENGENHEIROS

UNEM-SE EM DEFESA DOS

SEUS DIREITOS

A classe dos engenheiros movimentou-se para alterar os Estatutos da sua Ordem e realizar eleições para o conselho directivo.

O governo, apoiando-se principalmente no presidente do actual conselho, Daniel Barbosa, antigo ministro da Economia (hoje instalado no conselho de administração da CUF e de outras grandes empresas) pretende tirar à assembleia o direito de alterar os estatutos e dá-lo ao conselho. Esta tentativa tem o objectivo de, nos novos estatutos, acabar com as assembleias onde os engenheiros têm discutido em conjunto os seus problemas. O governo proibiu também, 4 dias antes da data marcada, as eleições para um novo conselho directivo para as quais havia uma lista de unidades apoiada por grande parte dos engenheiros.

Os engenheiros, conscientes dos seus direitos, não se conformam com estes actos do governo. Em LISBOA, recolheram 260 assinaturas para a convocação de uma assembleia geral extraordinária dando o conselho directivo até à classe contida da sua actividade e da marcha da situação. No PORTO, 100 engenheiros reuniram-se e votaram por unanimidade um protesto contra as imposições do governo.

O que se está a passar com os engenheiros reflecte bem a crise que atravessamos hoje as proclamações liberais e o descontentamento que entre elas alastra contra o salazarismo.

É PRECISO MELHORAR RADICALMENTE SITUAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO!

Continua a série de desastres em toda a rede ferroviária do país, causando mortos e feridos e avultadíssimos prejuízos materiais. O último, no Carregado, causou 2 mortos e 5 feridos. Um acidente tão provocado pelo mau estado das linhas, como o da estação da Figueirinha (Algarve), da linha do Dão, de Alfairoles, de Caide (Régio), do Carregado, outros pelo mau estado do material circulante.

SALVEMOS A VIDA DE FRANCISCO MIGUEL!

Francisco Miguel que, apesar de há muito ter acabado a peço, continuando a preso, encontra-se gravemente doente com uma doença de fígado e intestinos. A sua vida corre perigo.

A PIDE, cujo plano é assassinar os melhores filhos do povo português, nada faz para o tratar, recusa a Francisco Miguel o direito de ser observado por um médico da sua confiança, negando-lhe até a dieta que é absolutamente indispensável ao tratamento do seu grave doente.

A PIDE aproveita todos os pretextos para isolar Francisco Miguel dos seus familiares e amigos, não o deixando receber visitas e, ainda recentemente, lhe cortou a correspondência e o proibiu de receber encomendas. Se o povo português não o arrancar das garras da PIDE, Francisco Miguel será assassinado pelos mesmos carrascos que pelo mesmo processo já assassinaram Milão Ribeiro e outros patriotas.

Conhecendo a grave situação em que se encontra Francisco Miguel, numerosas pessoas de coração de todos os pontos do País têm enviado protestos e abaixo assinados às autoridades salazaristas, exigindo a sua libertação.

OS PCVOS QUEREM O DESARMAMENTO

Observa-se na situação internacional o progressivo desarmamento, graças à política de paz da União Soviética e do campo socialista apoiada pelas crescentes forças da paz do mundo inteiro. A diminuição de 10 biliões de rublos no orçamento militar soviético para 1956 e a principalização da desmobilização das forças armadas da União Soviética e dos países do campo socialista, totalizando 2 milhões de homens, contribuíram decisivamente para o desarmamento internacional.

Estas medidas são acolhidas com alarme pelos círculos agressivos americanos, representantes dos grandes fabricantes de armamento, que vêem as suas fontes de receitas ameaçadas. Do facto a recente desmobilização soviética de um milhão e 200 mil homens provocou uma imediata baixa nas ações ligadas à produção da guerra. Por isso, estes círculos procuram esconder o alcance da desmobilização, tendo Foster Dulles chegado a afirmar: «Creio que aquilo que os soviéticos fizeram não nada altera o seu potencial militar».

Mas afirmações deste género só servem para desmascarar a má fé dos círculos agressivos. Todos os países com quem vêm com os seus próprios olhos os URSS, tomando estas medidas, não pode ter quaisquer intenções agressivas. Esta concepção visse desarmamento e a paz a base em que assenta a política de guerra das potências ocidentais.

Sectores cada vez mais amplos exigem o desarmamento e a liquidação do salazarismo. O sumário londrino conserva-

dor «Spectator» reconhece que os países europeus «já não desejam sacrificar os seus interesses à comunidade internacional e voltar a lutar a carga dos armamentos». Também Walter Lippmann, completador político americano afirmou num artigo publicado no «Seculo» de 27-2-56: «O mundo inteiro espera o serviço militar obrigatório e visto como encargo exaustivo e sem utilidade prática».

Este é o ambiente crescente dos países da Europa Ocidental. Os círculos agressivos dos Estados Unidos tentam lutar contra esta corrente alicando a tensão para poderem continuar a espoliar os povos milhões e milhões para a guerra. A última reunião da NATO em Paris revelou as contradições crescentes que opõem os países europeus aos imperialistas americanos. Estes procuram reender o foco da guerra na Coreia e obrigar os países do Pacto do Atlântico a fabulosas despesas militares. Estas tentativas são contra os interesses dos países da Europa e da Ásia e aumentam o isolamento dos Estados Unidos e as contradições entre os próprios países do Pacto do Atlântico.

Como os outros povos, o povo português compõe que sejam reduzidas e liquidadas as ruínas da guerra. A situação internacional também não justifica a permanência de forças armadas americanas no território português. O arrendamento da base militar das Lages aos americanos termina em Setembro. Porque a permanência das forças armadas americanas representa uma alienação da soberania nacional, o Partido Comunista apoia calorosamente todos os esforços dos patriotas portugueses para a impugnação da base americana e o arrendamento, contrário aos interesses da paz e da Nação.

ACCÕES SINDICAIS

Cresce o número de trabalhadores que se acorrem aos Sindicatos e ali lutam por melhores condições de trabalho e pelas acções sindicais que em várias localidades da MARGEM SUL DO TEJO e do ALGARVE estão a ser desenvolvidas pela classe trabalhadora com reforço da sua acção nas empresas.

Também os operários se concentram nos Sindicatos, como fazem as operárias nos Sindicatos têxteis e outros, para apresentarem as suas reivindicações.

Na assembleia geral do SINDICATO DE VÍLIA E OBRAS DO CENTRO DE PORTUGAL, onde se discutiu o relatório e contas, vários ferroviários, apoiados por todos os outros, criticaram energicamente o novo contrato colectivo. A assembleia aprovou uma moção pedindo uma amnistia para todos os ferroviários castigados.

Os operários da CARRIS DE LISBOA movimentam-se activamente para que sejam realizadas eleições ao seu Sindicato. Já em 1955, a comissão para a qual, num só dia, recolheram perto de 1.600 assinaturas. A Comissão geral entregou essa exposição ao ministro das Corporações, tendo o ministro, depois de uma grande celebração à porta do ministério.

Numa importante empresa mineira, os mineiros reivindicam aumento de salários e melhorias nas condições de trabalho. Se dirigiu à direcção do Sindicato para que esta apoiasse as suas reivindicações. A direcção sindical concordou em apoiar a luta. Apesar, 200 mineiros devesse aceitar o Sindicato para resolver se deviam aceitar o aumento de salários proposto pela gerência da mina. Os mineiros verificaram que esse aumento não era real, pois a gerência não queria continuar a luta por outro aumento de acordo com o custo da vida.

Alargar mais e mais a acção nos Sindicatos, a acção sindical com a luta nas empresas, apoiar e mobilizar as direcções dos Sindicatos e o comitê se dirigido por muitos operários e que fortalece a unidade da classe trabalhadora. Os Sindicatos em verdadeiros organismos da classe operária.

Unidade anti-salazarista

(continuado da 1.ª pág.)

...tante para uma mudança de regime. O aproveitamento pleno de todas as possibilidades legais de acção que as relações de forças das forças democráticas e anti-salazaristas é indispensável para mobilizar e organizar as massas populares na luta contra o regime salazarista.

DENTRO DESTES OBJECTIVOS PATRIÓTICOS QUE O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS PROPÕE AOS OUTROS PARTIDOS DEMOCRÁTICOS, ELABORAMOS A INICIATIVA DE UM PACTO DE UNIDADE ENTRE TODOS OS PARTIDOS EM TORNO DE UM PROGRAMA MÍNIMO, SENDO EM VISTA AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES PARA DEPUTADOS.

Por uma larga e poderosa frente anti-salazarista!

A experiência de 30 anos de dominação salazarista e a experiência dos outros países que já se libertaram do fascismo dizem-nos que é necessário, para vencer um regime de violência como o salazarismo, não sómente unificar todos os grupos democráticos como também todos os opositores ao regime e ao governo, isto é, de um largo espírito de unidade, tem amarrar os homens ao seu passado político, pois o que conta não é o que eles fizeram mas sim aquilo que poderão fazer neste momento na luta comum contra o regime salazarista. DECLARAMOS QUE EM RELAÇÃO

AQUELAS PESSOAS DA OPOSIÇÃO COM AS SUAS VISTAS NOS COMUNISTAS TEMOS O DESEJO DE MANIFESTAR A NOSSA COORDENAÇÃO DE PRINCÍPIOS, NÃO PODER HAVER NESTE MOMENTO RAZÃO ALGUMA QUE IMPEÇA A UMA UNIDADE DE ACÇÃO ANTI-SALAZARISTA. TENDOS EM VISTA O PRÓXIMO ACTO ELEITORAL.

Para que a Unidade que o Partido Comunista defende seja de facto um vasto movimento de união de todos os anti-salazaristas e pessoas descontentes, para que possamos mobilizar todas as pessoas que sinceramente desejam neste momento a queda do regime salazarista, devemos ter um movimento de oposição ao regime sob a forma da apresentação de deputados de oposição às próximas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte. Não devemos esquecer o passado político dessas pessoas, que ela não possa ser um obstáculo à sua colaboração. Aqueles portugueses que não se deixaram levar pelo regime salazarista em União Nacional ou à Legião Portuguesa ou os patriotas que servem nas forças armadas mas que hoje se encontram em oposição ao regime salazarista, devem e devem ter lugar na frente anti-salazarista, deverão ser bem recebidos dentro dela, SAREMOS TODOS QUE DENTRO DA UNIDADE DA NÓS, OS COMUNISTAS PORTUGUESES ESTÃO AINDA PORTUGUESES HONRADOS QUE AÍ SE ENCONTRAM NESTE MOMENTO CONTRA A SUA VONTADE E QUE COLABORARÃO COM AS FORÇAS DEMOCRÁTICAS NUMA LUTA LEGAL DE OPOSIÇÃO AO GOVERNO DE SALAZAR.

Só um vasto movimento de unidade de todas as forças democráticas e anti-salazaristas terá forças bastantes para vencer as manobras do governo salazarista e lhe dar tempo para a sua queda. Como se afirma na «Declaração Conjunta» dos Partidos Comunistas de Portugal e de Espanha, «Que esta aspiração se converta numa realidade não depende nem da vontade dos comunistas da classe operária e das massas populares. Depende também da actividade de certos núcleos da burguesia e da classe média que lutaram os seus interesses defendidos por Franco e Salazar e que neste momento se dão conta do verdadeiro papel destes grupos de classe no governo de um país dominado por monopolistas do capital estrangeiro. O caminho que conduz à democracia e à independência nacional não se encontra na queda dos comunistas e das massas populares e lutarem todavia por uma mudança de regime, mas sim na união de todos os países, amplas frentes nacionais contra as camadas dominantes».

Frente à política de divisão nacional e de terror civil do governo salazarista, a política do Partido Comunista Português é de união de todos os portugueses honrados para salvar Portugal, para fazer de Portugal um país democrático e pacífico.

QUANTAS RECEITAS OS AMIGOS DO PARTIDO

	Fevereiro de 1956	ganhos (M)	do Partido	20.00	Idem (Z)	2.50
Manecas	13.50	Stalins (Z)	12.50	Amigo do Povo	10.00	
Alberto (E)	115.00	Mao Tse Tung	7.50	Amigos do P.	10.00	
Aic. de Sousa	40.00	1.000.00	Trigo Vermelho	20.00	Amigos do P.	10.00
Arquiteto	40.00	1.120	Vitória (A)	30.00	Amigo do P.	10.00
Vermelho	100.00	Militia Ribeiro	50.00	Viva Pedro	50.00	
Campos	20.00	Os Cerâmicos	50.00	Soares	38.00	
collectivista	7.00	Pião, Paz e	22.50	«O Partido»	150.00	
Carlos Costa	240.00	Cultura (C)	40.00	Amnistia	32.00	
Comuna Bento	120.00	Folia Libertada	50.00	XX CONG(AM)	250.00	
Gonçalves	40.00	de Alv.	20.00	Apelo da	100.00	
Duclos	120.00	Carta de 1896	20.00	«Asco»	100.00	
Elsa Triollet	10.00	XXV Vitória do	25.50	Asp. cirúrgica	40.00	
E. Contra a	10.00	XX CONG	5.000.00	Lutim (T)	40.00	
Georgette	10.00	PC da URSS	5.00	Salinas	5.00	
Ferreira	19.50	Por uma ampla	150.00	Amnistia	5.00	
Glória a Alvar	10.00	Amnistia	20.00	Salários	5.00	
Cunhal (PV)	10.00	Povo da Mari-	17.00	Avanço	10.00	
Guilhermas da	10.00	Grande	17.00	C. Civil	25.00	
Costa	10.00	Prémio-V	187.00	Operários da	1.50	
Carvalho	1.000.00	Quem-amos-V	187.00	Construção	245.00	
Homemagem	50.00	Carvalho	200.00	Nova	245.00	
A. Caraca	50.00	Região Carva-	37.50	Amnistia	245.00	
Jorge Amado	20.00	Rui L. Gomes	1.000.00	Liberdade	20.00	
José Pionero	20.00	Simpatizantes	1.000.00			
Kenya	40.00					
Libertemos Geo-	20.00					